

13^A

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CINEMA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VIANA DO CASTELO

XXIV ENCONTROS DE CINEMA | VIANA
02 A 14
MAIO
2024

WWW.ENCONTROSDECINEMA.PT

Maria Adriana Baptista

uniMAD-IPP | ID+ - UA

mab@esmad.ipp.pt

Atualmente, professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Teoria da Imagem, Semiótica e Metodologias de Investigação nas licenciaturas de Fotografia, Multimédia, Cinema e Audiovisual e no Mestrado de Cinema e Fotografia. É doutorada pela FLUL em Psicolinguística, Leitura de Texto e Imagem e investigadora em Literacia Verbal e Visual, responsável por vários projetos de Investigação e orientadora de vários Mestrados em Fotografia e Cinema Documental.

Palavras-chave

Banalidades, Memória, Morte, Fotografia, Documental

Resumo

Desde sempre, e talvez para sempre, uma questão que inquieta o ser humano está relacionada com o que está reservado para nós após a morte. Mais do que discussões sobre o lugar da alma, do espírito e da mente, pretendemos discutir e experimentar captar o aspeto físico do corpo e do mundo que segue sem nós. Depois de nós, o que fica? Neste sentido, é explorada a ausência humana através dos vestígios da sua presença, do que deixamos ficar e da forma como o mundo nos reclama de novo para si. Apresentando como referências os trabalhos fotográficos de Paul Seawright, "Sectarian Murder" (1988), e Peter Finemore, "Gwendraeth House" (iniciado nos anos 80), a fotografia, como medium, surge numa abordagem de captura e registo do aparentemente banal, capaz de mostrar implicitamente a ideia do vestigial e de construir uma outra memória, recuperando o vivido, que não foi registado fotograficamente. O registo sequencial num espetro diacrónico põe em evidência a noção do tempo contínuo e imparável, mas a amplitude de enfoques num dado momento pode evocar o passado através do vestígio contemporâneo.

5.

A resignificação da fotografia vernacular – o ato de reescrever o arquivo fotográfico manipulando a memória

Emanuel Marques Constantino

ESMAD

emanuelmconstantino@gmail.com

Fotógrafo independente, licenciado em Fotografia pela Escola Superior de Media Artes e Design, do Politécnico do Porto. O seu principal foco são projetos ligados ao documentário. Movido pela curiosidade e descoberta, aborda temas e grupos na sociedade que atuam, trabalham e vivem a um ritmo diferente do considerado 'moderno'. O arquivo e a fotografia vernacular também são áreas que explora e aborda. Atualmente frequenta o Mestrado em Cinema e Fotografia - Especialização em Fotografia - na Escola Superior de Media Artes e Design.

Maria Adriana Baptista

uniMAD-IPP | ID+ - UA

mab@esmad.ipp.pt

Atualmente, professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Teoria da Imagem, Semiótica e Metodologias de Investigação nas licenciaturas de Fotografia, Multimédia, Cinema e Audiovisual e no Mestrado de Cinema e Fotografia. É doutorada pela FLUL em Psicolinguística, Leitura de Texto e Imagem e investigadora em Literacia Verbal e Visual, responsável por vários projetos de Investigação e orientadora de vários Mestrados em Fotografia e Cinema Documental.

Olívia Marques da Silva

uniMAD-IPP | ID+ - UA

oliviamarquessilva@esmad.ipp.pt

OLÍVIA DA SILVA Porto, Portugal 1962. Doutorada em Fotografia pela Faculdade de Arte e Design da Universidade de Derby, Reino Unido em 2000. Bolseira do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Português de Fotografia, entre 1998 e 2000. Desde 1992, docente do Instituto Politécnico do Porto (IPP), onde coordena, presentemente, no Campus 2 de Vila do Conde, na qualidade de Presidente da Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD). membro do Conselho Geral do P.Porto, membro do Conselho de Gestão do P.Porto, membro do Conselho de Coordenação do Centro de Cultura do P.Porto. Presidente do Conselho Técnico Científica da Escola Superior de Música Artes e Espetáculo, entre 2013 e 2015, Diretora do Departamento de Artes da Imagem, entre 2004 e 2012 e Coordenadora do Mestrado em Comunicação Audiovisual de Cinema e Fotografia, entre 2009 e 2015. Colaboradora nas Equipas de Análise das Propostas de Novos Cursos de Fotografia da A3es desde 2014. É autora e coautora de obras de investigação sobre representação fotográfica e identidade social e cultural. Pertence à Comissão Científica dos Cadernos IRI e Scientific Board da Sophia Journal, Editora e Autora Associada da Scopio. Participa com regularidade em várias conferências nacionais e internacionais na qualidade de palestrante

(em 2023: <https://ceau.arq.up.pt/> Elia / Évora - <https://elia-artschools.org/> OR Universidade de Santiago de Compostela - <https://estudosaudiovisuais.org/fx-ollos-para-ver/>). Em 2019 inicia um Projeto Fotográfico em S.Luis do Maranhão, Brasil no âmbito da parceria de investigação do consórcio IPP/ESMAD/Unimad e IFMA/NUPPI com incidência na prática artística fotografia documental contemporânea e Programa de Travessias Visuais. Experiência, vivência, memória e imaginários entre Pará e Portugal. Em 2023 participa na exposição itinerante Rostos da Maré com 4 obras do projeto fotográfico com o mesmo nome. Olivia Marques da Silva, Ph.d., Mphil-Ph.d., MA Estudos Fotográficos.

Cristina Castro

uniMAD-IPP | CIEBA | CIAUD-UPT
cristinacastro@esmad.ipp.pt

Cristina Castro nasceu no Porto em 1974. A sua obra tem como estrutura a materialização de possibilidades da ideia de fluxo, em desenho e pintura, dando visibilidade àquilo que tendo presença é invisível. Expõe desde 1995, Eu estava lá?, Museu dos Laníffios (2023), Água sobre água, Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (2023), XX Bienal Internacional de Arte de Cerveira (2018), 4º Bio-Art Contest, Gwacheon (2016), Motel Coimbra, Colégio das Artes da U.C. (2016), Antipodes, Galeria UNA, Bjärred (2012), Entrada Livre, Galeria 9Arte, Lisboa (2010), Na Linha da Data Internacional, Artland, Bombaim (2006), entre outros. É doutorada em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da U. C., mestre em Museologia e Património Cultural pela Faculdade de Letras U.C. e licenciada em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Lecciona na Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto e na Universidade Portucalense.

Palavras-chave

massificação imagética, memória, fotografia vernacular, herança, família

Resumo

A produção fotográfica não esteve desde o seu início acessível a todas as faixas sociais. As elites foram as primeiras precursoras daquilo que se denominou inicialmente de invento fotográfico. Pelo custo associado às técnicas vigentes à época, o passo para a democratização deste meio só foi possível pela intervenção de figuras hoje reconhecidas na história da fotografia, como André Disdéri e George Eastman. Todavia, a quantidade de acontecimentos evolutivos (sociais, económicos, tecnológicos) levou a que rapidamente se presenciasse um espolio da criação imagética, mesmo que o panorama atual evidencie já uma enorme mudança. No que se refere à quantidade, a criação diária de imagens hoje corresponde, em média, àquela registada anualmente na metade do século passado; a noção de caos ruidoso foi incluída na produção de imagens de forma forçada, em parte, alimentada pela era do digital. Ainda assim, não deixa de existir a tentativa constante – e obcecada – do fotógrafo, em mostrar e criar aquilo que ainda não foi visto e explorado (vivendo constantemente numa “impossibilita”), com a consequência do depósito de mais imagens. Tornam-se necessárias soluções que desacelerem uma criação desenfreada, e, a manipulação criativa e plena de sentidos complexos de “found photography” por Joachim Schmid é um caminho plausível para uma hipótese de produção eivada de reciclagem fotográfica. Não só da estratégia de Schmid, mas essencialmente da ressignificação da fotografia vernacular, nasce um olhar promissor no combate à massificação da imagem. David Bate afirma que a fotografia, contrariamente à pintura, dá certezas de que algo aconteceu ou esteve presente. No campo do vernacular a manipulação da memória pessoal/coletiva pode tornar-se uma estratégia imprescindível para a reinterpretação e fusão de dois tempos, numa nova abordagem, por onde nos movimentamos experiencialmente, fazendo circular entre tempos e espaços memórias e momentos distintos de captação do real, criando pela sua sínquise, novos significados.